



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Monteiro Gonzaga do Monti, Ednardo

Educação musical e uma nova hierarquia de valores no contexto da pós-modernidade

EccoS Revista Científica, núm. 34, mayo-agosto, 2014, pp. 215-228

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71532890013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EDUCAÇÃO MUSICAL E UMA NOVA HIERARQUIA DE VALORES NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

MUSICAL EDUCATION ONE AND NEW
HIERARCHY
OF VALUES IN THE CONTEXT OF THE PÓS-MODERNIDADE

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti

Doutorando em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ, Rio de Janeiro, RJ – Brasil
ednardomonti@gmail.com

RESUMO: São propostas no presente artigo algumas reflexões sobre o ensino de música no contexto da educação brasileira. Focalizam-se contrastes da pós-modernidade com o período conhecido como Era Vargas, um tempo fortemente caracterizado pela ideologia nacionalista. O estudo fundamenta-se na Teoria dos Valores ancorada nas ideias de Scheler (1955), Reale (1996), Goergen (2005) e Werneck (1996, 2003). Também são utilizados os pensamentos de Hall (2003) e Bauman (2001, 2005, 2007) sobre a identidade cultural na pós-modernidade e o conceito de comunidades imaginadas de Anderson (1989, 2005). Segue, então, uma análise de abordagem qualitativa de entrevistas semiestruturadas, realizadas com seis professores de música formados pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, principal instituição brasileira de formação de docentes de música para o ensino regular escolar na primeira metade do século passado. Nas entrevistas foram detectados reflexos de valores cultivados pela ideologia nacionalista, numa análise da hierarquia de valores do passado em contraste com os contextos pós-modernos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical. Valores. Era Vargas. Pós-modernidade.

ABSTRACT: Some reflections are proposed in the present article concerning the music education in the context of the Brazilian education. The contrasts of post-modernity within this period known as the Vargas Era are focused, an époque strongly characterized by the nationalistic ideology, the national identity. The study theoretically is based on the Theory of the Values anchored in the ideas of Scheler (1955), Reale (1996), Goergen

(2005) and Werneck (2003). Also the thoughts of Hall (2003) and Bauman (2001, 2005, 2007) on the cultural identity in post-modernity and the concept of communities imagined of Anderson (1989, 2005) are used. It follows, then, an analysis of qualitative boarding of interviews half-structured accomplished with six professors of music. All the interviewed ones are formed by the National Conservatory of Orpheonic Chant, the main Brazilian institution of training of music professors of school regular education in the first half of the last century. In their interviews, they were detected reflective of values cultivated for the nationalistic ideology, in a parallel of the hierarchy of values of passed in contrast with the contexts the post-modern.

KEY WORDS: Musical education. Values. Vargas Era. Post-modernity.

Introdução

“A memória tem sentido na medida em que permite pensar o presente”

Julieta Calazans

A articulação entre moral e educação, numa esfera teórica, e a relação da ética com o ensino, no cotidiano escolar, há tempo são discutidas no campo da filosofia do currículo (GOERGEN, 2005). Nesse debate, o termo educação está diretamente ligado aos valores. Então, entende-se a educação como um processo de hierarquização de valores de acordo com as exigências do ser humano como pessoa (WERNECK, 1996).

Já na esfera das artes, mais especificamente na música, o foco não recai sobre a hierarquização dos valores morais e éticos. Mesmo que essas questões perpassem por sua produção, seus objetivos estão intrinsecamente voltados para os valores estéticos relacionados aos sons e suas combinações, que também são importantes na educação por sensibilizar, emocionar, na produção e contemplação do belo. Portanto, por meio da sensibilidade, existe na música o potencial de fomentar valores além dos estéticos.

Como afirma Beresford (2000, p. 98),

Inseridos no contexto dos valores sensíveis estão os valores do belo, do agradável e do prazer, os vitais, ou da vida, e os de utilidade. Os valores do agradável e do prazer correspondem,

não somente, a todas as sensações de prazer e satisfação, mas também, a tudo aquilo que é capaz de provocá-las.

Nessa perspectiva, acredita-se que a música como linguagem e também discurso cultural possibilita a educação, pelo desdobramento de seus objetivos para fins estéticos, gerando a construção da vida moral na medida em que desenvolve a inteligência e a afetividade simultaneamente, o que torna o educando capaz de vislumbrar o mundo por meio da abstração e da crítica.

Como sinaliza Scheler (1955, p. 63), sobre os valores “nada pode tornar-se objetivo se não tiver um fim. O objetivo se fundamenta sobre o fim previamente dado.” Compreende-se então o objetivo da música na educação como um fim pedagógico.

Isso posto, segue-se com o objeto aqui em questão. Num diálogo da música com a educação, foi implantado no Brasil o canto orfeônico. A metodologia orfeônica tem como mais notória característica a sua função pedagógico-musical, diferenciando-se do ensino musical profissional, realizado em escolas e conservatórios especializados, que busca o aprimoramento técnico com fins performáticos e os valores estéticos. Em outras palavras, o canto orfeônico tem como foco a hierarquia de valores, como Andrade esclarece: o canto orfeônico valorizava

[...] no seu espírito a ideia da necessidade da renúncia e da disciplina ante os imperativos da coletividade social, favorecendo, em suma, essa noção de solidariedade humana, que requer da criatura uma participação anônima na construção das grandes nacionalidades. (ANDRADE, 1934, p. 245).

O projeto orfeônico desenvolvido por Heitor Villa-Lobos (1887-1959) foi adotado oficialmente no ensino público brasileiro, no Distrito Federal, a partir do ano de 1931. A implantação desse projeto foi realizada por meio do Decreto n.º 19.890, assinado em 18 de abril do referido ano pelo presidente Getúlio Vargas, que tornou o canto orfeônico disciplina obrigatória nos currículos escolares nacionais por aproximadamente três décadas. Entretanto, essa investigação delimita-se historicamente à Era Vargas e seus valores, em contraste com o mundo pós-moderno.

É considerada significativa uma abordagem atual sobre o objeto aqui investigado, tendo em vista que, na esfera do currículo, “[...] a utilização de ideias pós-modernas em educação evidenciam a sua presença no discurso moderno” e vice-versa (MOREIRA, 2006, p. 16). Em outras palavras, Antônio Flávio Barbosa Moreira considera relevante um diálogo sobre o pensamento moderno com o pós-moderno no currículo, ou seja, as representações nacionais (o moderno) em contraste com as representações locais e regionais (o pós-moderno), pois nesse cruzamento são ampliados os questionamentos sobre ambos.

Hoje, algumas redes municipais e estaduais de educação providenciam concursos e planejam-se para a retomada da música no currículo após a aprovação da Lei 11.796/2008 (BRASIL, 2008), que dispõe sobre a obrigatoriedade dessa linguagem artística na Educação Básica. Assim foi alterada a Lei nº. 9.394, de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996). Fato que justifica a presente investigação sobre valores da educação musical numa perspectiva histórica e filosófica, uma vez que a memória tem sentido na medida em que permite pensar o presente (CALAZANS, 1980).

Dessa maneira, numa reflexão axiológica contemporânea não pode ser ignorado o contexto fluído do mundo globalizado, sociedade na qual

[...] comprometer-se com uma única identidade para toda vida, ou até menos do que toda vida, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter. (BAUMAN, 2005, p. 96).

Expostas a justificativa e a delimitação, segue a questão central, que norteia o texto: segundo os professores de canto orfeônico, quais valores perpassavam a educação musical na Era Vargas e como estes se diferenciavam da educação musical no contexto pós-moderno?

Para responder a pergunta supracitada foram analisadas seis entrevistas semiestruturadas, realizadas com professores de canto orfeônico. Todos os entrevistados são ex-alunos de Villa-Lobos, formados pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, principal instituição responsável, no Brasil, pela formação de educadores musicais para as escolas regulares no século passado.

Do passado ao presente: os valores envolvidos

As análises das entrevistas apontam a Era Vargas como um período privilegiado da História do Brasil, segundo o pensamento dos entrevistados. Tal constatação reflete-se nos dias atuais, pois, mesmo depois de décadas, a ideologia em questão continua se reiterando como representação do bom no imaginário destes educadores. Faz-se pertinente destacar que no decorrer das entrevistas houve, espontaneamente, comparações das hierarquias de valores a partir das relações temporais do passado e do presente; entretanto, não foram feitas referências ao futuro. Como afirma Jovchelovitch (2007, p. 140),

As compreensões intersubjetivamente compartilhadas fazem com que as comunidades alcancem certo grau de semelhança; a semelhança, como a diferença, opera como um recurso que permite às comunidades e aos indivíduos desenvolver conhecimentos sobre si mesmo e sobre outros, reconhecer uma representação social transmitida por gerações anteriores e dar ao Eu uma identidade.

Há neste paralelo uma representação do canto orfeônico como um portador de valores. Em outras palavras, parece que as representações construídas pelo canto orfeônico contribuíram para escrever uma história de “sucesso”, por ter influenciado na hierarquização de valores dos discen-tes pela cultura. Segundo os atores envolvidos nesta investigação, as ideias do governo de Getúlio Vargas no contexto da educação no Brasil são relevantes e pertinentes.

Entre passado e presente, segundo Jovchelovitch (2007, p. 140), ocorre uma articulação, porque “[...] as operações da memória permitem à comunidade reter tanto um sentido de continuidade e permanência quanto um sentido de desenvolvimento histórico e de mudanças das representações sociais”.

Nessa perspectiva, nos paralelos traçados nas entrevistas, um dos professores, que não quis se identificar,¹ por isso aqui será chamado de Orfeu, afirma que Getúlio Vargas não se “travestiu” de democrático. O presidente tomou o poder e assumiu sua postura como ditador, diferen-

temente de outros presidentes do Brasil. Entretanto, o presidente ditador foi muito amado e aprovado como um líder do povo, pois, segundo “o sexto entrevistado”, o chefe da nação teve boas iniciativas que geraram algumas leis importantes e até hoje fundamentais e relevantes para o bom funcionamento do país, tais como: Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Decreto-lei nº. 5.452, de 1º de maio de 1943 (BRASIL, 1943), que proporcionou aos trabalhadores direitos que antes não tinham, trazendo vários benefícios para o povo mais humilde. Seguem as palavras do Orfeu:

Da costureira, do operário, do trabalhador, ele nunca esqueceu, ele procurou valorizar o trabalho, porque o trabalho para ele é realmente frutífero, é um processo que o homem precisa, que é uma das coisas que traz o crescimento. Agora eu vou contar um caso verídico que está acontecendo. Eu tenho uma amiga que viajou agora para o Ceará com a família. E quando ela veio de lá eu perguntei, você viajou, gostou de lá? Ela respondeu: “Eu não queria ver o sertão assim, ver o interior desse jeito, não queria ver a realidade de lá.” Ela tem vontade de ser missionária. Aí eu apertei, o que você encontrou lá? Então ela me falou: “Olha eu encontrei uma triste realidade. Eu pensava que o presidente realmente estava fazendo muita coisa com esse negócio de bolsa disso e daquilo, do Salário Educação, não sei o quê, e você acha que está trazendo progresso, que com essa Bolsa Família está todo mundo trabalhando, está todo mundo no campo, lá, fazendo as coisas?” Ela disse que tá todo mundo de braços cruzados. Quem recebe a Bolsa acha que não precisa trabalhar. E a educação? Estudam, mas não querem nada, é só pela bolsa. Foi então o que eu estou lhe transmitindo uma coisa, que você veja, quem não tem o estímulo do trabalho. Se você considera o trabalho um castigo do homem, se você não valoriza o trabalho, você depois fica um revoltado, fica uma pessoa que não procura seu próprio sustento. Você conhece alguma canção escolar atual sobre as novas e antigas profissões?

Segundo o relato do Orfeu, os outros presidentes da república fizeram exatamente o oposto de Getúlio, não se posicionaram politicamente

para melhorar a vida dos mais pobres com o progresso, apenas lhes deram um consolo e se aproveitaram da estabilidade econômica para estabelecer uma “ditadura democrática”. Com o paralelo, observam-se como honestas e verdadeiras, na visão do entrevistado, as políticas adotadas na Era Vargas, que podem ser compreendidas como referenciais de valores da identidade nacional, tais como: o progresso e o crescimento.

Outras comparações são detectadas sobre o passado e o presente. Para os entrevistados, a música na escola, por meio do canto orfeônico, reservava um espaço especial para música do folclore do país, o que gerava uma proximidade do povo com a cultura nacionalista. Isso, segundo os relatos, independentemente de idade, classe social ou região, pois toda família era influenciada por ouvirem as canções entoadas pelas crianças e adolescentes em seus lares, além das apresentações nas grandes concentrações.

Foram encontrados documentos da época que confirmam as falas dos entrevistados no que se refere à adesão do povo ao movimento cívico-musical. Seguem trechos de algumas matérias dos jornais de grande circulação da época. Há em seus conteúdos dados que dimensionam a abrangência das concentrações. No jornal *O Globo* ², em 1933:

A grandiosidade de uma festa de educação cívica, de arte e fé. No campo do Fluminense vibrou a alma nacional em expressões inéditas. Além da regência tríplice (a mais suave e doce regência da História do Brasil) dos maestros Francisco Braga, Joanídia Sodré e Chiafiteli, as mãos dominadoras e os olhos hipnóticos de Villa-Lobos, o grande educador brasileiro. Não se pode deixar de ver realçados o brilho e a galhardia com que se incorporaram a essa festa de ritmo brasileiro as bandas musicais do exército, polícia, bombeiros e batalhão naval.

Estiveram presentes o Sr. e Sra. Getúlio Vargas, cardeal D. Sebastião Leme, professor Anísio Teixeira, Ministro da Marinha, secretários dos ministérios, Dr. Amaral Peixoto, representando o interventor Pedro Ernesto, e figuras de grande representação social.

Na primeira página do jornal *A Noite* ³, de 7 de setembro de 1939:

O Estádio do Vasco da Gama está vivendo uma tarde inesquecível. 30.000 crianças de nossas escolas tomam parte numa esplêndida demonstração de canto orfeônico, em homenagem ao 'Dia da Pátria'. Grande massa popular enche as dependências da praça de sports, numa extraordinária vibração cívica. À chegada do presidente da República, as aclamações estrugiram aos últimos acordes do Hino Nacional.

É possível perceber as representações do Estado ao mesmo tempo articuladas e vinculadas às fontes tradicionais provenientes do folclore. Nesse sentido, seguem alguns contrastes com a pós-modernidade nas falas transcritas:

E essa história de dizer que o professor tem que chegar ao aluno somente por música de, tipo assim, *funk*. Hoje nas escolas estão dando isso, música que não tem sentido nenhum, porque eles [discentes] gostam. Como é que eles vão gostar da música brasileira se eles não conhecem? Eu, quando coordenadora daqui do Pedro II, eu fiz um trabalho em que eu procurava levar, [por exemplo] uma vez, um conjunto lá do Museu Villa-Lobos, outra vez foi uma banda de música, outra vez foi que veio um conjunto de música renascentista, assim formavam-se pessoas com uma formação mais consistente. (*Maria Carmelita de Araújo*).

Mas a gente tem que valorizar a nossa arte, a arte brasileira. Porque depois que os outros vêm trazendo a sua arte lá de fora, trazendo a sua música, impondo *rock*, *funk* e não sei o quê, não entendo pra quê, de tal forma a juventude não aceita mais a música brasileira, as melodias brasileiras, as marchas rancho, as canções não são mais aceitas porque eles gostam é do que vem de lá do exterior e a cultura brasileira fica de lado. (*Adelita Quadros*).

Os relatos desses educadores musicais parecem confirmar o pensamento de Anderson (2005, p. 12), o qual sinaliza que os homens viviam e acreditavam numa identidade unificada e estável, que na pós-modernidade tornou-se fragmentada, composta “[...] não de uma única, mas de

várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Dessa maneira, antes da globalização, as paisagens sociais, cenários compostos pelas representações sociais, compunham um “lá fora” que assegurava a conformidade da nação como uma comunidade imaginária que supria as necessidades subjetivas da identidade cultural.

Constata-se também que, para os pesquisados, nos dias de hoje frequentar “bailes *funk*” é visto como “atividade arriscada”, porque possui representações de um ambiente onde podem ocorrer situações que expõem os jovens aos grandes perigos, como confrontos de grupos rivais e utilização de drogas. Assim se pode observar nas respostas que no passado, ou seja, na Era Vargas, se valorizava as coisas boas do país através da música, que exaltava o brasileiro e suas virtudes, no intuito de construir pelas representações sociais do Estado um “cidadão com valores”.

Hoje, segundo os entrevistados, nas aulas de música são abordados estilos musicais que refletem contravalores ou, no mínimo, não acrescentam nada aos estudantes. Essa constatação indica que outrora havia na educação uma representação de preocupação do governo com a prática de lazer sadia, associada às situações de trabalho, união e disciplina. Nesta lista de bons adjetivos do passado, em suma, de valores na Era Vargas, o respeito aos rituais cívicos e aos símbolos da pátria ficam nítidos, conforme expressam:

Eu acho que a questão do civismo, hoje ficou muito de lado, o respeito às coisas nacionais, nós aprendemos a respeitar os símbolos nacionais, aprendemos a respeitar as coisas nacionais. Hoje não se respeita nada, tem aquele monumento do Drummond de Andrade lá em Copacabana, toda hora você vê danificado. Nem um personagem que eles conheceram, que deixou uma história, quanto mais uma bandeira. Aí no Pedro II nós fazíamos isso, nós fazíamos o dia da pátria, nós fazíamos preleção com eles, todo mundo cantava o hino uma vez por semana. (*Maria Carmelita de Araújo*).

O hasteamento da bandeira era uma cerimônia bonita, de respeito, tanto na escola, quanto nas concentrações. Ninguém andava vestindo bandeira para dançar *funk*. Isso era proibido.

Havia paz, havia tranquilidade, havia respeito às coisas do país, então eu acho que isso contribuiu muito para o bem do país. A bandeira era o símbolo da pátria, hoje em dia a bandeira é vestida de qualquer jeito, hoje em dia parece que as pessoas têm entusiasmo só pelo futebol, a bandeira aparece só na época de futebol. (*Adelita Quadros*).

[...] inclusive nós estudávamos a bandeira, era regida por lei, o como usar a bandeira, como confeccionar a bandeira, até as medidas que a bandeira teria que ter, a proporção entre o retângulo, entre a circunferência, tudo isso tinha que obedecer. Nós sabíamos quando e onde era possível usar a bandeira. Hoje já não é assim, hoje você vê a bandeira nacional sendo utilizada até como canga na praia. (*Maria da Conceição Ferreira*).

No próximo relato, percebe-se que algumas hierarquias de valores foram reconstruídas no decorrer do tempo. Mesmo que o repertório pedagógico do período supervalorizasse personagens como Duque de Caxias, observa-se que este “grande” personagem da História do Brasil não goza mais de bom status, como portador de bons valores entre os entrevistados. E nessa leva de contravalores, os governantes mais recentes são projetados junto ao passado, salvando-se somente os ilustres vultos do Estado Novo. A parte transcrita que segue expressa bem essa transformação da representação social dos líderes do país e dos símbolos da pátria.

Hoje está muito difícil dar importância à bandeira, ainda mais numa hora em que nossa própria história está sendo tão revista, onde grandes heróis passaram a ser grandes vilões, certos nomes são altamente combatidos. Eu estava pensando estes dias em Caxias, meu Deus, eu me lembro no serviço militar, Caxias era pra mim um mito, era um Deus. Gente! Depois que eu fui ver melhor, agora, as pessoas que falam sobre ele, sobre o racismo que ele tinha e essas coisas todas e safadezas das grossas, ele não é ninguém, né? Vai ser difícil fazer de Caxias ou dos atuais líderes um herói. Só os jogadores de futebol gozam de uma notoriedade saudável. (*Ruy Wanderley*).

O trecho mencionado evidencia que os entrevistados fizeram no decorrer dos anos algumas descobertas que contradizem a visão idealizada propagada pelo canto orfeônico no Brasil. O relato insinua o futebol como único aspecto do país que faz o brasileiro orgulhar-se. Dessa maneira evidencia-se que, na pós-modernidade, “[...] a sociedade não é mais protegida pelo Estado, ou pelo menos é pouco provável que confie na proteção oferecida por este.” (BAUMAN, 2007, p. 30).

Por um lado, cabe destacar e levar em consideração que, mesmo mencionando fatos atuais, negativos e concretos, é possível que boa parte das manifestações dos participantes desta investigação esteja baseada em suas ideologias vinculadas à Era Vargas; ainda que seja inegável a constatação de algumas desconstruções da imagem do Estado e seus governantes. Por outro lado, eles mesmos assumem seu saudosismo. Alguns com lágrimas falaram:

Não quero ser uma pessoa saudosista, engraçado que eu achava lá [na UNIRIO] uma estante de madeira escrita CNCO (Conservatório Nacional de Canto Orfeônico), lá atrás está escrito, até hoje, CNCO. Gente, eu vi esta estante como aluno quando se valoriza a voz, agora já estou olhando como professor, cadê a prioridade na voz do povo? O Conservatório de Villa-Lobos não tinha tantos pianos, agora a UNIRIO⁴ só tem pianos. A parte de ensino de música instrumental que era da Escola Nacional de Música⁵ ou daqui do CBM⁶. O Conservatório de Canto Orfeônico era essencialmente canto orfeônico. (*Ruy Wanderley*).

Naquela época, ainda era a época que o professor entrava na sala e os alunos se levantavam. Então, a disciplina era uma coisa muito natural, eu nunca ouvi falar de aluno insubordinado, nada disso, porque a gente mesmo estudou assim, com respeito ao professor, como isso era bom. (*Adelita Quadros*).

Agora depois, com o tempo, começaram a aparecer professores que não tinham nenhuma qualificação, trabalhavam por obrigação. Aquele professor que era ciente daquilo que estava fazendo, fazia com amor, eu amava minha profissão. (*Maria da Conceição Ferreira*).

Então eu trabalhava na escola do governo, que era da prefeitura, dava aula de canto orfeônico em todo o primário e ginásio, que saudade dessa época boa, eu adorava dar aulas e ouvir todos os alunos cantando. (*Rejane França*).

Quando eu digo que o canto orfeônico realmente deveria renascer, é pela experiência que nós tivemos de um sucesso, de uma verdadeira entrega, de a gente sentir que os alunos realmente recebiam isso com alegria, como a gente vibrava com tudo aquilo. (*Maria Carmelita de Araújo*).

Entretanto, mesmo aqueles que hoje não compartilham mais de todas as ideias, produzidas e divulgadas, do governo no passado, mostraram-se ainda fascinados com Villa-Lobos e (en)cantados com as práticas musicais orfeônicas e pelos ambientes por elas construídos.

Conclusão

Nessa perspectiva sobre a educação musical no Brasil, as falas dos professores atribuem uma conotação degenerativa ao aparente posicionamento inadequado de valores como a disciplina e o progresso, pois nelas observam-se críticas às ideias de rupturas e descontinuidades de um projeto de nação, de um processo de construção de valores relacionados às representações nacionais. Como afirma Reale (1996), a constância de um valor assegura um sentido de composição harmônica.

Essa constatação demonstra que, nestes tempos, a escola tem um grande desafio, pois a construção do cidadão brasileiro, neste início de século, conta com representações desfavoráveis, ancoradas em contravalores, como a desonestidade e as corrupções habitualmente flagradas entre os políticos, que são entendidos no senso comum como profissionais do “mau-caratismo”.

Enfim, analisando as falas das entrevistas e comparando-as com as visões pós-modernas, pode-se afirmar que as representações do governo de Getúlio geraram por anos admiração e promoveram valores como o respeito, por uma projeção de um Brasil do futuro. Hoje, podem-se observar na

disciplina educação musical características da pós-modernidade, a perda de confiança e um desgaste de expectativas diante de uma ação política no país, que têm gerado bloqueios na comunicação e integração do povo tanto com os políticos quanto com outros cidadãos, levando a uma estagnação política grupal; o que entrega o projeto de Estado ao *porvir* e não ao *futuro*, por falta de um projeto civilizatório na educação, que integraria as dimensões de reflexão e afetividade. Como afirma Werneck (1996, p. 97-98), a falta de uma diretriz confiável e a ausência de um planejamento transforma o futuro em porvir e, quando este segundo perdura, freia o progresso, pois o porvir só proporciona uma visão em curto prazo, não transforma um país numa nação.

Notas

- 1 Os demais entrevistados autorizaram por escrito a publicação de seus relatos.
- 2 O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 3, 27 nov. 1933.
- 3 A NOITE, Rio de Janeiro, ano 29, n. 9.906, p. 1, 7 set. 1939.
- 4 As atividades do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico foram mantidas até 1967, quando a instituição passou a chamar-se Instituto Villa-Lobos, pelo Decreto n.º 61.400, de 01 de outubro de 1967. Hoje, com outra proposta, o Instituto faz parte do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
- 5 Atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 6 Conservatório Brasileiro de Música, hoje Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CBM-CEU). Instituição na qual foi realizada a entrevista com o professor Ruy Wanderley.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ANDRADE, Ayres. Edições musicais. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 222-246, set. 1934.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERESFORD, Heron. *Valor: saiba o que é*. Rio de Janeiro: Shape, 2000.

BRASIL. *Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943*: legislação Trabalhista, CLT. Texto atualizado. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-pe.html>>. Acesso em: 6 maio 2012.

_____. *Lei n.º 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 maio 2012.

_____. *Lei n.º 11.796/2008, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n.º 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, n. 159, p. 1, 19 ago. 2008. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm>. Acesso em: 6 maio 2012.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. *A pesquisa no Instituto de Estudos Avançados em Educação*. Rio de Janeiro: FGV/Iesae, 1980.

GOERGEN, Pedro. Educação e valores no mundo contemporâneo. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 92, p. 983-1.011, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Contextos do saber*: Representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARIZ, Vasco. *Villa-Lobos: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2005.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org.). *Currículo: questões atuais*. 12. ed. Campinas: Papirus, 2006.

REALE, Miguel. *Paradigmas da cultura contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1996.

SCHELER, Max. *Le formalisme en éthique et l'éthique matériale des valeurs*. Paris: Gallimard, 1955.

WERNECK, Vera. Rudge. *Cultura e Valor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Educação e Sensibilidade*: Um estudo sobre a teoria dos valores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Recebido em 7 maio 2013 / Aprovado em 24 mar. 2014

Para referenciar este texto

MONTI, E. M. G. Educação musical e uma nova hierarquia de valores no contexto da pós-modernidade. *EccoS*, São Paulo, n. 34, p. 215-228. maio/ago. 2014.